

A Experiência Metafísica da Alta Montanha

Adriana Veríssimo Serrão

Universidade de Lisboa PT

Lugar simbólico ou espaço geográfico? Santuário de revelação do divino ou complexa formação geológica que atesta a presença de tempos arcaicos? Espaço inacessível, oscilando entre motivo de medo e impressão de fascínio?

Do elenco muito amplo das representações histórico-culturais da Montanha, em muitos casos contrastantes, elegemos três posições filosóficas exemplares que descrevem a ascensão enquanto experiência humana que se perfaz na tensão entre física e metafísica.

I. Francesco Petrarca: a experiência fracassada da subida ao Mont Ventoux

Em 26 Abril de 1336, com 32 anos, o jovem Francesco Petrarca empreende uma excursão até ao Mont Ventoux no sul da França. Acompanhado do irmão Gerardo e de dois criados, cumpre o projecto há muito acalentado de subir até a esse monte que tivera sempre presente diante dos olhos quando, na infância, vivera em Avignon e Carpentras. Tal empreendimento permitir-lhe-ia ver o mundo de um ponto muito alto, tal como sucedera na Antiguidade, quando Filipe da Macedónia escalara o monte Haimon na Tessália, de onde teria presumivelmente avistado ao mesmo tempo os mares Adriático e Negro.

Partindo de Malaucena, na falda do monte, e recusando a advertência de um velho pastor – conhecedor da estranheza e perigos desses lugares que em tempos idos havia subido para regressar exausto e esfarrapado –, que em vão o tenta demover de iniciar a escalada, é com dificuldades que Francesco empreende a subida. Enquanto o irmão, mais novo, fisicamente mais ágil mas também espiritualmente mais tranquilo, uma

vez que já abraçara a vida religiosa, transpõe com leveza caminhos sinuosos, Francesco carrega o peso de uma crise psicológica, dividido entre a paixão por Laura e o anseio de espiritualidade, oscilante entre amor humano e amor a Deus. Um peso que o leva a evitar as vias íngremes e escolher as mais planas, embora mais longas, aumentando assim o esforço físico e acumulando cansaço inútil.

Eu, mais fraco, tendia para baixo e, quando ele [o irmão] me chamava e me mostrava o caminho mais acertado, eu respondia que esperava encontrar um acesso mais fácil do outro lado do monte e que não me importava de ir por um caminho mais longo, desde que fosse mais plano. Isto era apenas uma desculpa para a minha ignávia e, enquanto os demais já se aproximavam das alturas, eu errava pelos vales, sem deparar de nenhum lado com um caminho mais suave. Assim, o caminho tornava-se mais longo e aumentava a fadiga inútil.¹

Percorrendo colinas e trepando entre rochas escarpadas, a escalada de vários dias prossegue num constante paralelismo entre movimentos do corpo e estados anímicos. As dificuldades físicas que não deixarão de o acompanhar até ao cume são aligeiradas pela consciência das provações a que o homem está sujeito quando pretende desfazer-se das amarras terrenas para ascender à bem-aventurança. O cume do monte simboliza o cume da vida. A excursão é uma peregrinação.

Ali, passando, com as asas do pensamento, das realidades corpóreas às incorpóreas, instigava-me a mim mesmo com estas palavras ou outras parecidas: “Deves saber que aquilo que experimentaste tantas vezes hoje, a subir a este monte, te acontece a ti e a muitos que querem ascender à vida feliz. [...] A vida a que chamamos feliz está situada num lugar excelso e é estreito, como dizem, o caminho que a ela conduz. No meio surgem muitas colinas e é necessário caminhar por degraus, de virtude em virtude, com nobreza. No cume está o fim último e o termo do caminho a que conduz este nosso peregrinar.”²

O relato, posteriormente reconstituído nesta Carta dirigida ao seu guia espiritual, é todo ele construído por analogias entre as realidades corpóreas e os patamares do ascenso para o incorpóreo. Penosa, feita de lentos avanços e de muitas pausas, alcança finalmente o monte mais alto, chamado de Filhinho. Do cume, o espectáculo é deslumbrante. Sente o ar puro, tem as nuvens debaixo dos pés. Finalmente, contempla estupefacto o amplo panorama destas vastas regiões:

1. Francesco Petrarca, “Carta a Dionigi da Borgo Santo Sepolcro”, in *Familiarium rerum libri*, IV, I; ed. crítica de V. Rossi, Firenze, 1923-1924; “Carta do Monte Ventoso”, apresentação e tradução de Paula Oliveira e Silva, *Philosophica*, Lisboa, 29 (2007), p. 148.

2. *Ibid.*, p. 149.

3. *Ibid.*, pp. 151-152.

*Daqui não se podem ver os Pirenéus que fazem fronteira entre a França e a Espanha, não por se interpor algum obstáculo, que eu saiba, mas apenas pela debilidade da nossa visão corpórea. Inversamente, vêem-se com toda a clareza, à direita, os montes da província de Lião, e à esquerda, o mar que banha Marselha e Águas Mortas, à distância de alguns dias de caminho. O próprio Ródano estava debaixo do nosso olhar.*³

Dividido entre a alegria do êxito físico que fortalecia a alma, mas, ao mesmo tempo, lamentando a imperfeição das coisas terrenas, abre o livro que trazia consigo, as *Confissões* de Agostinho, e surge-lhe ao acaso a seguinte passagem:

4. *Ibid.*, p. 152.

*Deslocam-se os homens para admirar os altos montes e as estrondosas ondas do mar e o curso dos astros e os longos leitos dos rios e a extensão dos oceanos e o curso dos astros, mas não prestam atenção a si mesmos.” [...] fechei o livro, irritado comigo por ter estado a admirar coisas da terra, quando já há muito devia ter aprendido, até com os filósofos pagãos, que não há nada mais admirável do que a alma, à qual nada excele em grandeza.*⁴

Esta leitura surge-lhe como um claro sinal que assinala a ruptura entre olhar exterior e olhar interior, a saber, entre mundo físico e interioridade subjectiva. Torna-se agora evidente que a capacidade física, por esforçada que seja, não se compara às alturas da alma que se vai purificando. Que é imensa a distância entre a visão distraída pelo mundo exterior e a visão concentrado no interior. Que a transcendência não se mostra fora de nós, no cume de um qualquer espaço físico, mas só poderá ser alcançada no fundo da alma, num movimento de introversão. Com a conversão para o íntimo da subjectividade rompe-se a correspondência entre a ordem física e o plano metafísico que marcara a fase da ascensão. O que Petrarca viu, basta-lhe. Já na descida, olhando várias vezes para trás, observa com indiferença o alto monte que agora lhe parece insignificante quando comparado com a grandeza da alma humana que conseguiu superar a mesquinhez das coisas materiais.

5. *Ibid.*, p. 153.

*[...] quantas vezes, o longo daquele dia, no regresso, virando-me para trás, olhei para o cume do monte! E no entanto parecia-me não ter mais do que a altura de um côvado, em comparação com a grandeza da contemplação humana, quando não submerge na lama da depravação terrena.*⁵

O que se iniciara como projectada viagem espiritual salda-se negativamente num fracasso, mas, positivamente, num apelo de aproximação ao divino. A almejada montanha não é, no fim de contas, lugar de revelação do Espírito. A Verdade não habita nela, porque se esconde no interior. O que viu, não passa de um lugar, material, destituído de encantos e de grandeza, que perdeu a força de atracção: o grandioso monte Ventoso representa, no fim de contas, a vanidade dos interesses mundanos.

II. Joachim Ritter: a ambivalência da Paisagem moderna ou a estética como substituto da metafísica

São múltiplas as leituras que têm sido feitas desta Carta. Não tomaremos aqui em conta os estudos petrarquianos que a analisam enquanto exemplo do estilo literário, ou sinal da evolução espiritual do poeta, nem discutiremos a fidelidade da interpretação da passagem de Agostinho. Nem pela obra poética, nem pela biografia de uma personagem real, em outra direcção seguem os apaixonados debates sobre os primórdios da exploração alpina e a inquirição daquela que terá sido a primeira de muitas outras escaladas, que apenas séculos mais tarde, já no final do século XVIII, atingirá finalmente o mítico Monte Branco⁶.

A expedição chefiada por Antoine de Ville, em 28 de Junho de 1492, até ao cimo do mont Aiguille no Dauphiné foi durante muito tempo considerada o marco na penetração em lugares até então agrestes e intansponíveis, que o imaginário humano envolvia em relatos de grandes perigos e em lendas sobre os seus habitantes fantásticos. Oficial, patrocinada pelo rei, preparada e executada com pompa cerimonial e documentada num minucioso relato, 1492 marcaria o termo da representação da alta montanha como perigosa e mágica, e o momento inaugural de uma nova atitude: a observação directa, a curiosidade pela magnífica diversidade natural, a reivindicação da objectividade do conhecimento.

Antecedendo-a mais de cem anos, a viagem de Petrarca não só ganharia o primeiro lugar no *ranking* do montanhismo moderno, mas revestir-se-ia de especial significado pela clara motivação assumida por uma personalidade individual ao arrepio da consciência dominante. Assim a interpretou – como destacada dos quadros mentais da sua época – o historiador da arte Jakob Burckhardt, posição partilhada pelo filósofo da história Joachim Ritter:

6. Acerca deste debate, seguimos o livro de Philippe Joutard, *L'invention du Mont Blanc*, Paris: Gallimard, 1986, em especial, as pp. 33-45. De um ponto de vista incidente nas categorias estéticas e literárias, são recomendáveis os estudos de Fernando Guerreiro, designadamente, *O Caminho da Montanha*, Braga: Angelus Novus, 2000.

7. Joachim Ritter, “Landschaft. Zur Funktion des Ästhetischen in der modernen Gesellschaft”, *Schriften zur Förderung der Westfälischen WilhelmsUniversität zu Münster*, Heft 54, 1963; reimpressão em Id., *Subjektivität*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1974, pp. 141-163; trad. port. de Ana Nolasco, in A. Veríssimo Serrão, *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011; 2013, p. 95. Ritter cita o livro de Jakob Burckhardt, *Die Kultur der Renaissance in Italien* (A Cultura do Renascimento em Itália). *Gesamtausgabe* (em itálico). ed. W. Kaegi, vol.5, pp. 211ss.

8. *Ibid.*, p. 100. A ambivalência do poeta italiano, querendo ao mesmo tempo deslocar-se no espaço, que é uma deficiência do ser, e aceder à verdadeira grandeza, que é a do espírito, é sublinhada por Jean-Marc Besse em *Voir la terre*, Actes Sud / ENSP / Centre du Paysage, 2000, trad. port. *Ver a terra. Seis Ensaios sobre Paisagem e Geografia*, São Paulo: Editora Perspectiva, 2006, pp. 1-15 (“Petra na Montanha: os tormentos da alma deslocada”).

*Com esta subida à montanha, Petrarca faz parte dos Italianos que [...] se aproximaram pela primeira vez da natureza com um “sentido próprio”, diferente do que impele a “investigação e o saber” e enquanto “os primeiros entre os Modernos ... viram e apreciaram a forma da paisagem como algo mais ou menos belo.*⁷

Neste seu ensaio, um dos textos clássicos da filosofia da paisagem, Joachim Ritter identifica traços de uma transição histórica entre o final do mundo medieval e o despontar do mundo moderno. Por um lado, Petrarca tem consciência do inédito da sua viagem; ele é já o *homo urbanus* que, em contraste com a indiferença do pastor (habitante local) decide visitar um lugar geográfico fora da cidade; e não um qualquer espaço natural, e sim, aquele lugar bem determinado: aquela paisagem. E não o faz com intenção de conhecer, nem o move qualquer finalidade prática ou utilitária; fá-lo apenas pelo prazer de contemplar directamente, de fruir esteticamente. O “extraordinário significado deste relato” estaria no nascimento do moderno sentido da paisagem. O empreendimento foi movido por um intento teórico: apreender a unidade que subjaz a todas as coisas visíveis. Neste aspecto, a categoria de Paisagem, desconhecida das épocas anteriores, radicaria ainda numa longa tradição que fez nascer a filosofia como busca de um princípio ordenador de toda a realidade; como *theoria tou kosmou*, visão intuitiva da unidade do cosmos, da natureza no seu todo.

*Os conceitos com que Petrarca tentou interpretar o que iniciara pertencem à theoria, no sentido da filosofia oriundo da Grécia: ele sai da sua existência comum e “transcende-a”. Movido unicamente pelo desejo de ver, escala a montanha deixando para trás de si todos os fins práticos para, na livre contemplação e teoria, participar no todo da Natureza e em Deus. Sobe a montanha, livre, “por si mesmo e para fruir da vista do seu cume”. Mas funda-o no contexto espiritual da theoria. Este facto possui um significado universal. As determinações colhidas por Petrarca da tradição da theoria filosófica permanecem constitutivas da relação estética para com a natureza enquanto paisagem. É o que confere à escalada do Monte Ventoux um significado epocal. A natureza enquanto paisagem é o fruto e o produto do espírito teórico.*⁸

Mas, por outro lado, esse todo que brilha no sensível não é ele mesmo sensível nem pode tornar-se sensível; é um estrato invisível que subjaz ao visível. Daí que não seja verdadeiramente preciso deslocar-se para fora, para outro lugar. A luz, a presença do divino, irradia

em cada manifestação sensível. Dada a afinidade entre alma e Deus, a experiência metafísica da natureza enquanto paisagem falha perante necessidades psicológicas e religiosas mais profundas.

*Contudo, torna-se seguidamente patente que a entrega à natureza enquanto paisagem, que Petrarca experimentou como uma grande expedição, se opõe a uma interpretação teológica e filosófica enquanto elevação até à contemplação do todo, familiar ao poeta através de Agostinho, mas que ultrapassa o seu contexto.*⁹

9. *Ibid.*, p. 97

Se o pensamento antigo não desligava o estético do teórico, já a época moderna – que irá consumir o divórcio entre Natureza e Espírito, entre Natureza e Homem, entre cidade e extra-muros –, precisou de desenvolver um novo órgão para poder captar, ainda que apenas parcelarmente, a presença da natureza como um todo, no seu esplendor primordial: o sentimento estético.

*Paisagem é natureza que se torna esteticamente presente no olhar de um contemplador sensível e sentimental.*¹⁰

10. *Ibid.*, p. 105.

Rompida a antiga unidade, a contemplação da paisagem prolonga a aspiração à visão da natureza primordial. A Paisagem é o substituto da antiga *theoria*, mas apenas pode parcialmente preencher o desejo compensatório de uma falta, da ausência de uma unidade metafísica passada e para sempre perdida.

III. Georg Simmel: As imagens da vida no movimento ascendente entre terra e céu, ou entre base e altura na subida dos Alpes

Em contraste com uma concepção de metafísica como espiritualidade de cariz religioso e teológico (Agostinho-Petrarca) e com uma metafísica do Uno-Todo (Ritter), Georg Simmel oferece outra possibilidade de entender a associação de metafísica e Montanha num notável ensaio de 1911 que dedica aos Alpes.

Observada ainda de fora, como objecto visual, com as suas formas irregulares e contingentes implantadas no fundo da terra, a montanha apela a uma nova estética, não formalista, associada esta à limitação das belas formas cuja estabilidade provoca sensações de beleza serena. Suscita, sim, uma impressão anímica proveniente do massivo, do material informe, do peso excessivo, da escala imponente, que provocam a intensidade de impressões mistas oscilando entre agitação e paz.

11. Georg Simmel, “Die Alpen” (1911); Gesamtausgabe, hrsg. von Otthein Rammsted, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1989 ss; Bd.14 (*Hauptprobleme der Philosophie. Philosophische Kultur*), pp. 296303; trad.port. de A. Veríssimo Serrão in *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011; 2013, p. 53.

*A inquietude dilacerante das formas e a materialidade pesada no seu mero quantum produzem, na sua tensão e no seu equilíbrio, a impressão em que agitação e paz parecem penetrar de modo peculiar.*¹¹

Compreende-se o que pode significar uma “nova estética”. Não uniforme, mas diferenciada, sendo os sentimentos modelados pelas características que individualizam as diversas paisagens naturais. Em cada situação, a experiência estética emerge de uma consonância entre a dinâmica anímica e as configurações da realidade, uma vez que não é determinada por juízos intelectuais, mas por uma energia emergente da totalidade da nossa alma. Uma tipologia traz à luz diferentes modos desta experiência vivencial. Ao mar, que é imagem da movência ondulante das formas, corresponde o sentimento da continuidade temporal, cadenciada e distendida, livre e sem fronteiras. À planície do vale, a serenidade dos elementos bem coordenados no solo e alegremente dirigidos para o céu.

A Montanha, por sua vez, uma formação complexa, composta de camadas, que se ergue da implantação subterrânea até à altura dos picos, ilustra bem a visão simmeliana do mundo. Nas suas diversas configurações físicas, a Montanha retrata a sobreposição e intersecção de diferentes estratos da Vida, metáfora da existência que se dá nos cruzamentos de eixos horizontais e níveis verticais. A baixa montanha atesta, como já se notou atrás, a associação entre o inquietante da irregularidade das silhuetas dos picos e o reconforto pela unidade do conjunto preso a uma profundidade invisível que impede o desgarrar das formas dos montes.

E é quando se passa do ver de fora, para entrar nela e encetar uma subida, que esta impressão estética se vai transformando numa impressão metafísica. Na média montanha, onde as massas rochosas se cobrem de vegetação orgânica, e as quedas de água anunciam a sonora presença, a solidez, ou a impressão intemporal de morte, conjuga-se com a impressão da vida que constantemente se renova. E tem início aqui, nestes patamares intermédios, a sensação desnivelada da altura, quando de um ponto mais alto se olha para baixo ou de um ponto mais baixo se olha para o que ainda está mais acima.

À medida que se sobe, sentindo a perda de qualquer base de sustentação, nasce uma experiência nova, a sensação da vida que se desliga da contingência das formas e do curso sempre contraditório do acontecer. Quando se atingem os cumes mais altos, e quando abaixo de nós o solo fica inteiramente coberto de neve, sem vestígios de vegetação, e quando acima de nós nada mais se avista do que o puro céu sem vestígios de nuvens, a paisagem, na sua branca uniformidade, torna-se “totalmente

conclusa”, como se também a nossa existência aí se completasse, liberta dos conflitos onde no quotidiano se enreda.

*Por isso, a impressão estética desvanece-se em simultâneo com a impressão mística de que aqui brotou, logo que o céu por cima das montanhas de neve fica espessamente encoberto; com efeito, elas são empurradas até à terra pelas nuvens, são comprimidas e encerradas como toda a restante terra. É só quando acima delas nada mais há senão céu que elas reen-
viam sem limite e sem interrupção ao supraterrâneo e podem pertencer a uma outra ordem que não a da terra.*¹²

12. *Ibid.*, p. 54.

Encontrar-se no cume da montanha gelada, no meio das neves eternas, simboliza a situação paradoxal de estar na vida e ao mesmo tempo “acima dela e em face dela”. Não há revelação de qualquer luminosa presença, nem desânimo ou apelo de fuga à vida, mas sentimento sublime, simples pressentimento de transcendência.

*Só quando tudo isto abaixo dela foi abandonado se alcançou o novo no plano dos princípios, o novo metafísico: uma altura absoluta sem a profundidade correspondente; o lado único de uma correlação, que pura e simplesmente não pode subsistir sem a outra, existe contudo numa auto-suficiência visível. É este o paradoxo da alta montanha: que todo o alto se encontra sobre a relatividade de acima e abaixo, é condicionado pela profundidade – e, contudo, aqui actua como o incondicionado, que não apenas não carece da profundidade, mas precisamente só se manifesta como plena Altura quando ela desapareceu.*¹³

13. *Ibid.*, p. 57.



Francesco Petrarca A experiência fracassada da subida ao *Mont Ventoux*

Adriana Veríssimo Serrão / Anexo 1

“Hoje, movido apenas pelo desejo de ver um lugar famoso pela sua altitude, subi ao monte mais alto desta região que não sem razão chamam “Vento-so”. [...] E este monte, que se vê de todo o lugar, está quase sempre diante dos olhos. ^{p.146}

O monte é de facto escarpado e o terreno quase inacessível. Mas o poeta disse bem: “o trabalho esforçado vence todos os obstáculos” [Virgílio, *Geórgicas*]. ^{p.147}

Eu, mais fraco, tendia para baixo e, quando ele [o irmão] me chamava e me mostrava o caminho mais acertado, eu respondia que esperava encontrar um acesso mais fácil do outro lado do monte e que não me importava de ir por um caminho mais longo, desde que fosse mais plano. Isto era apenas uma desculpa para a minha ignávia e, enquanto os demais já se aproximavam das alturas, eu errava pelos vales, sem deparar de nenhum lado com um caminho mais suave. Assim, o caminho tornava-se mais longo e aumentava a fadiga inútil. ^{p.148}

Ali, passando, com as asas do pensamento, das realidades corpóreas às incorpóreas, instigava-me a mim mesmo com estas palavras ou outras parecidas: Deves saber que aquilo que experimentaste tantas vezes hoje, a subir a este monte, te acontece a ti e a muitos que querem ascender à vida feliz. [...]. A vida a que chamamos feliz está situada num lugar excelso e é estreito, como dizem, o caminho que a ela conduz. No meio surgem muitas colinas e é necessário caminhar por degraus, de virtude em virtude, com nobreza. No cume está o fim último e o termo do caminho a que conduz este nosso peregrinar. ^{p.149}

Primeiro, fiquei estupefacto com aquele ar insolitamente leve e com o vasto espectáculo que tinha diante. Olho em frente: as nuvens estavam a meus pés [...] Volto depois o olhar para o lado de Itália

[...] e vejo que, embora distantes, estão sob o meu alcance os Alpes, gélidos e nervosos ... p.150

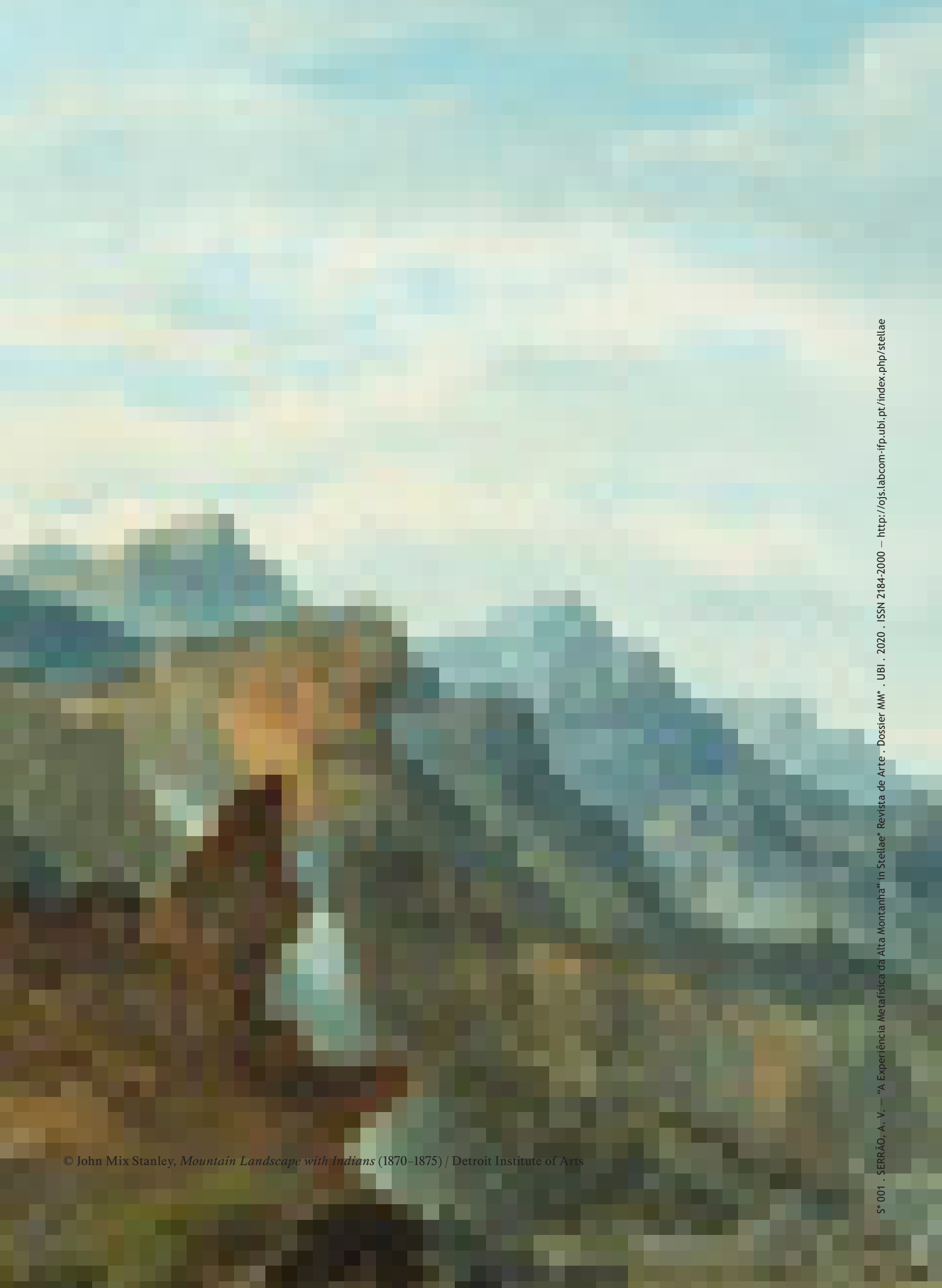
Estes e outros pensamentos semelhantes afluíam ao meu peito, ó meu pai. Alegrava-me pelo meu progresso, chorava a minha imperfeição e condoía-me pela instabilidade comum a todas as acções humanas. p.151

Daqui não se podem ver os Pirenéus que fazem fronteira entre a França e a Espanha, não por se interpor algum obstáculo, que eu saiba, mas apenas pela debilidade da nossa visão corpórea. Inversamente, vêem-se com toda a clareza, à direita, os montes da província de Lião, e à esquerda, o mar que banha Marselha e Águas Mortas, à distância de alguns dias de caminho. O próprio Ródano estava debaixo do nosso olhar. p.151-152

E enquanto contemplava cada uma destas coisas - e ora saboreava as terrenas, ora, como tinha feito com o corpo, elevava o espírito para o mais alto - ocorreu-me consultar as Confissões de Agostinho [...] Ofereceu-me ao acaso o livro décimo [...]: “Deslocam-se os homens para admirar os altos montes e as estrondosas ondas do mar e o curso dos astros e os longos leitos dos rios e a extensão dos oceanos e o curso dos astros, mas não restam atenção a si mesmos.” [...] fechei o livro, irritado comigo por ter estado a admirar coisas da terra, quando já há muito devia ter aprendido, até com os filósofos pagãos, que não há nada mais admirável do que a alma, à qual nada excede em grandeza. p.152

[...] quantas vezes, ao longo daquele dia, no regresso, virando-me para trás, olhei para o cume do monte! E no entanto parecia-me não ter mais do que a altura de um côvado, em comparação com a grandeza da contemplação humana, quando não submerge na lama da depravação terrena. p.153

Francesco Petrarca, “Carta a Dionigi da Borgo Santo Sepolcro”, in *Familiarium rerum libri, IV*, I; ed. crítica de V. Rossi, Firenze, 1923-1924; Carta do Monte Ventoso”, apresentação e tradução de Paula Oliveira e Silva, *Philosophica*, Lisboa, 29 (2007), 145-154.



Joachim Ritter A ambivalência do nascimento da paisagem como categoria estética da Modernidade

Adriana Veríssimo Serrão / Anexo 2

“Com esta subida à montanha, Petrarca faz parte dos Italianos que [...] se aproximaram pela primeira vez da natureza com um “sentido próprio”, diferente do que impele a “investigação e o saber” e enquanto “os primeiros entre os Modernos...viram e apreciaram a forma da paisagem como algo mais ou menos belo”. p.95

“Contudo, torna-se seguidamente patente que a entrega à natureza enquanto paisagem, que Petrarca experimentou como uma grande expedição, se opõe a uma interpretação teológica e filosófica enquanto elevação até à contemplação do todo, familiar ao poeta através de Agostinho, mas que ultrapassa o seu contexto. p.97

“O significado extraordinário e universal deste relato de Petrarca reside na reflexão sobre os motivos da sua escalada à montanha. Nela torna-se compreensível o contexto espiritual de que emerge a disposição para a natureza enquanto paisagem, mas também como essa mesma disposição conduz para fora deste contexto, numa viragem que lhe permanece estranha. Todos os conceitos e representações com que Petrarca tenta interpretar e tornar compreensível a sua empresa - a ascensão da alma do corpóreo para o incorpóreo na entrega de si a Deus e à livre contemplação da natureza como movimento interior da alma orientado para a “vida bem-aventurada” - pertencem, ainda que transpostos para o âmbito neoplatónico e cristão, à tradição da θεωρία του κόσμου, que se identifica desde o início com a filosofia. p.98

“Os conceitos com que Petrarca tentou interpretar o que iniciara pertencem à theoria, no sentido da filosofia oriundo da Grécia: ele sai da sua existência comum e “transcendea”. Movido unicamente pelo desejo de ver, escala a montanha deixando para trás de si todos os fins práticos para, na livre contemplação e teoria, participar

no todo da Natureza e em Deus. Sobe a montanha, livre, “por si mesmo e para fruir da vista do seu cume”. Mas funda-o no contexto espiritual da *theoria*. Este facto possui um significado universal. As determinações colhidas por Petrarca da tradição da *theoria* filosófica permanecem constitutivas da relação estética para com a natureza enquanto paisagem. É o que confere à escalada do Monte Ventoux um significado epocal. A natureza enquanto paisagem é o fruto e o produto do espírito teorético. p.100

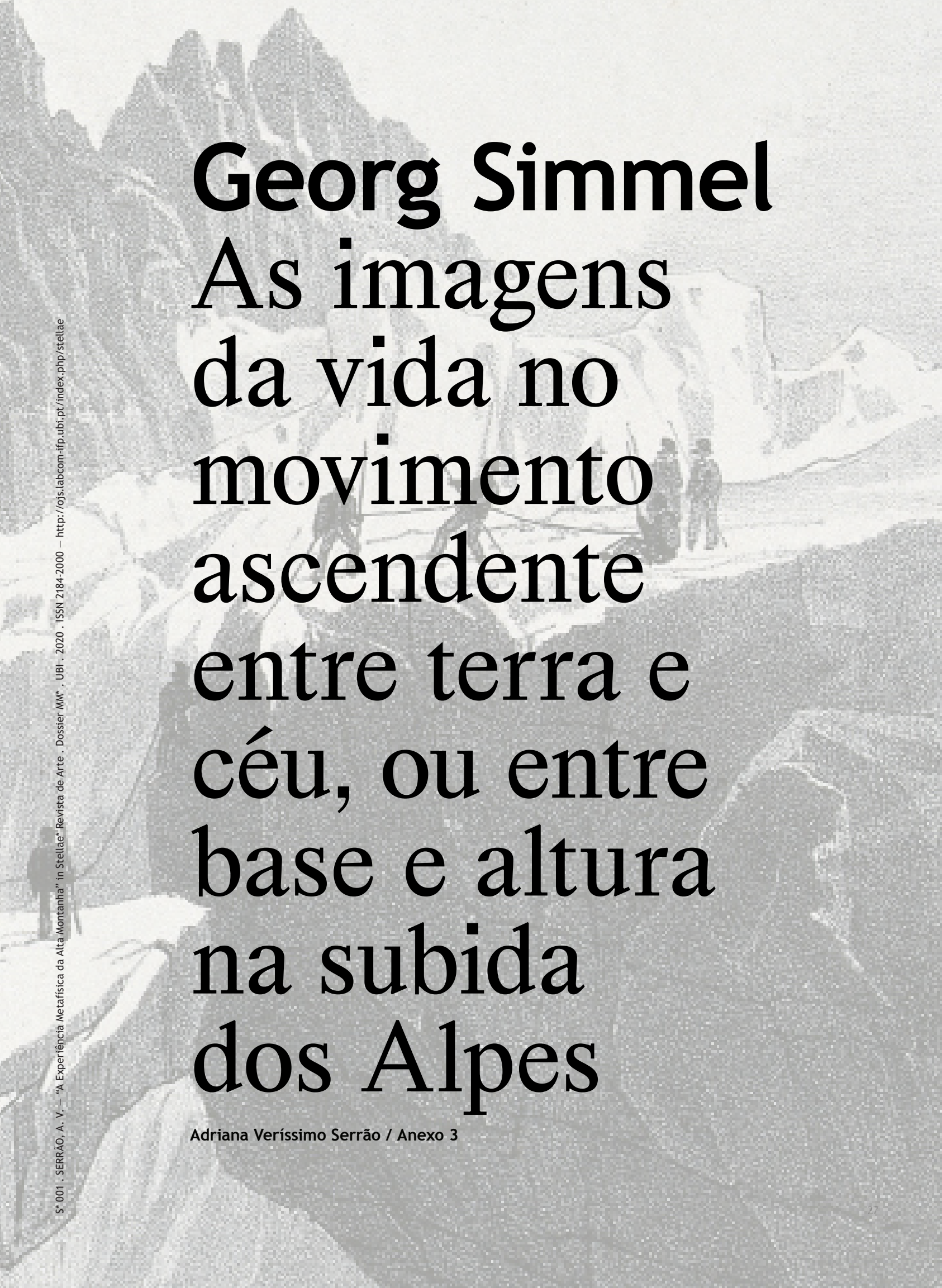
“São inúmeros os exemplos e provas que se oferecem para a estreita conexão entre paisagem e teoria filosófica de Natureza como um todo. Confirmam que, na interpretação de Petrarca da sua própria subida à montanha, ganha voz, como numa antecipação espiritual, o princípio constitutivo da história da natureza enquanto paisagem. A sua descoberta nasce do contexto da tradição da *theoria*. A livre contemplação da Natureza como um todo - desde a Grécia e ao longo de séculos, assunto exclusivo do conceito filosófico - adquire nova figura e forma na entrega do espírito à natureza enquanto paisagem. p.103

“Paisagem é natureza que se torna esteticamente presente no olhar de um contemplador sensível e sentimental. p.105

Joachim Ritter, “Landschaft. Zur Funktion des Ästhetischen in der modernen Gesellschaft”. Discurso de posse como Reitor da Universidade de Münster (1962), primeira publicação in *Schriften zur Förderung der Westfälischen WilhelmsUniversität zu Münster*, Heft 54, 1963; reimpressão em Id., *Subjektivität*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1974, pp. 141-163; trad.port. de Ana Nolasco, in A. Veríssimo Serrão, *Filosofia da Paisagem*. Uma Antologia, 141-163 Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011; 2013.



© John Auldjo, *The ascent of Mont Blanc* (1827)



Georg Simmel

As imagens da vida no movimento ascendente entre terra e céu, ou entre base e altura na subida dos Alpes

Adriana Veríssimo Serrão / Anexo 3

“Mas onde as formas são tão contingentes e se encontram dispostas umas junto às outras sem qualquer coerência da linha de conjunto, como nos Alpes, a forma singular ficaria dolorosamente isolada e não teria nenhum ponto de apoio no interior do todo, se não fosse sentida a massa indiferenciada da matéria que se estende uniformemente sob os cumes e confere um corpo unificado a esta individualidade por si destituída de sentido. O material informe tem de possuir aqui, na impressão, um peso incomparavelmente excessivo para que o caos dos perfis dos cumes mutuamente indiferentes encontre, por assim dizer, um contrapeso e um apoio comum. A inquietude dilacerante das formas e a materialidade pesada no seu mero quantum produzem, na sua tensão e no seu equilíbrio, a impressão em que agitação e paz parecem penetrar-se de modo peculiar. p.53

Sentimos aqui, no seu extraordinário ímpeto, o mundo terreno enquanto tal, ainda inteiramente distante de toda a vida e significado próprio da forma. Mas, por outro lado, os rochedos que se erguem desmesuradamente, as quedas de gelo transparentes e reluzentes, a neve dos picos que já não têm qualquer relação com as partes baixas da terra são outros tantos símbolos do transcendente, que conduzem o olhar espiritual a ascender até onde, mesmo para além do maior dos perigos, ainda permanece alcançável o que é inacessível à mera força da vontade. Por isso, a impressão estética desvanece-se em simultâneo com a impressão mística de que aqui brotou logo que o céu por cima das montanhas de neve fica espessamente encoberto; com efeito, elas são empurradas até à terra pelas nuvens, são comprimidas e encerradas como toda a restante terra. É só quando acima delas nada mais há senão céu que elas reenviam sem limite e sem interrupção ao supraterrano e podem pertencer a uma outra ordem que não a da terra. Tanto quanto se possa afirmar de uma paisagem

que é transcendente, isto aplica-se à paisagem nevada - sem dúvida apenas onde nela continua a existir só gelo e neve, mas nada de verde, nenhum vale, nenhuma pulsação da vida. ^{p.54}

Na alta montanha, a libertação da vida como uma vida contingente e opressiva, uma vida singular e mesquinha, chega-nos na direcção oposta: em vez da saciedade estilizada da paixão da vida, um distanciamento dela; aqui a vida está presa por algo e de certo modo entretecida em algo que é mais silencioso, mais estático, mais puro e mais elevado do que a vida pode ser. [...] E este efeito vai gradualmente crescendo da paisagem rochosa até à pura paisagem nevada. Nas rochas ainda detectamos, muito ou pouco que seja, vestígios das forças com direcções opostas; as construtivas, que ergueram o todo, e as corrosivas, que arrasam e desmoronam; na figura momentânea este choque e interpenetração das forças tornou-se, por assim dizer, estável e volta a viver no observador como uma reconstrução anímica que os apreende instintivamente. Mas a paisagem nevada já não permite sentir nenhum jogo de factores dinâmicos. O que foi construído desde a base está completamente coberto por neve e gelo. ^{p.55}

Só quando tudo isto abaixo dela foi abandonado se alcançou o novo no plano dos princípios, o novo metafísico: uma altura absoluta sem a profundidade correspondente; o lado único de uma correlação, que pura e simplesmente não pode subsistir sem a outra, existe contudo numa auto-suficiência visível. É este o paradoxo da alta montanha: que todo o alto se encontra sobre a relatividade de acima e abaixo, é condicionado pela profundidade - e, contudo, aqui actua como o incondicionado, que não apenas não carece da profundidade, mas precisamente só se manifesta como plena Altura quando esta desapareceu. ^{p.57-58}

■ [...] Mas da impressão da alta montanha, porém, chega até nós um pressentimento e um símbolo contraposto: que na sua máxima elevação a vida se liberta em algo que não cabe mais na sua forma, mas está acima dela e em face dela. p.58

Georg Simmel, “Die Alpen” (1911); Gesamtausgabe, hrsg. von Otthein Rammsted, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1989 ss; Bd.14 (Hauptprobleme der Philosophie. Philosophische Kultur), pp. 296-303; trad.port. de A. Veríssimo Serrão in *Filosofia da Paisagem*. Uma Antologia, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011; 2013.